

MATERNAGEM E TRAJETÓRIA ACADÊMICA: TECENDO O PERCURSO TEÓRICO DE UMA PESQUISA

FELDENS, Dinamara Garcia;
BACKES, Débora dos Reis Silva;
SANTOS, Juliana Farias
Universidade Federal de Sergipe

Palavras-chave: Maternagem, Trajetória acadêmica, Pedagogia

INTRODUÇÃO

Provocar a polêmica, a discussão e o dissenso pode ser um modo de sacudir o estabelecido, podendo contribuir para promover modificações nas convenções e regras [1]. Recorrendo às possibilidades de subverter o que está posto como universal e verdadeiro dentro das práticas hegemônicas que permeiam os discursos e posturas no ambiente acadêmico, os quais engessam modos de fazer e construir conhecimentos, busca-se visualizar existências e modos de resistir representantes de contra estereótipos capazes de desestabilizar hierarquias epistemológicas e sociais.

Abordar questões de gênero a partir de problematizações acerca dos paradigmas patriarcais, destacando o papel social da mulher sob a ótica do feminismo constitui-se em questão muito mais complexa, por emergir condições estruturais que estão enraizadas na cultura machista da sociedade. Partindo dessas perspectivas, perceber a importância em direcionar o olhar às especificidades das mulheres que cotidianamente aliam os papéis de mãe, estudante e trabalhadora mostra-se fundamental para a compreensão das representações sociais sobre o feminino nos espaços sociais e a influência de tais percepções na determinação de relações de poder e conseqüentemente, na vida das mulheres.

Durante o percurso no curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe e a partir de minha própria experiência como mulher que materna, trabalha e estuda, busquei alcançar os tensionamentos que se faziam presentes frente aos silenciamentos diante das configurações do cotidiano delineadas pelos alunos,

principalmente, aquelas mobilizadas por colegas que, assim como eu, constituíam corpos em maternância.

Destacar a tripla jornada dessas estudantes constitui-se tarefa pertinente ao tema, já que fazem parte do contexto dessas alunas o trabalho fora e dentro de casa, assim como suas demandas maternais, além de suas trajetórias acadêmicas. A partir da minha vivência como mãe universitária engajada nas lutas coletivas relativas a pautas feministas e já próxima de muitas questões que envolvem problemáticas acerca da desvalorização em relação a muitas especificidades envolvendo o ser mulher, atuando no Coletivo de Mulheres do curso, decidi conhecer quais são os sentidos que as estudantes mães trabalhadoras atribuem a maternagem, a partir de suas subjetividades, sensações e vivências e a relação entre esses significados e seus itinerários no ambiente acadêmico.

MÉTODOS

O processo metodológico da pesquisa buscou conhecer as narrativas de oito mulheres mães trabalhadoras estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, dos mais variados períodos acadêmicos, através de entrevistas semiestruturadas realizadas através de questionário e reuniões desenvolvidas virtualmente ocorridas nos meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021, ocasiões em que as estudantes tiveram a possibilidade de discorrer sobre suas respostas às questões propostas durante as reuniões, que foram gravadas e posteriormente descritas.

Por meio desse artigo procuro expor as interlocuções que vieram a contribuir para a construção do referencial teórico metodológico e das análises dos dados ancoradas no percurso desse trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe em 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com as mudanças ocorridas a partir da última metade do século XX envolvendo as relações entre homens e mulheres, observa-se o processo do impacto do crescimento da visibilidade das mulheres em diversificados setores: no trabalho, nas escolas e universidades, na política, nas artes e ciências, favorecendo a visibilidade das mulheres nas pesquisas [2].

Muitas pesquisas trazem em destaque as tendências teóricas plurais reunidas pelo movimento feminista, marcadas pela divergência em muitos temas, como, o da maternidade [3].

Qualquer pessoa, que não a mãe, pode "maternar" uma criança, além disso, fatores como a moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe para os cumprimentos dos “deveres maternos” [4]. Diante dessas e outras considerações a autora pondera sobre essa visão de mãe como ponto alto da mídia, do comércio e da manipulação do mercado, observando que a mulher na condição de mãe não possui preparo social adequado para assumir este papel, sendo que para muitas, assumir tal responsabilidade resulta na perda do protagonismo dentro de sua própria vida.

As dificuldades das mulheres ao terem que lidar com essas idealizações sobre a maternagem, cabendo-lhes a obrigação de se encaixar nos padrões do perfil materno exigido socialmente, acarretam em culpabilizações e muitas modificações em seus modos de interagir com os outros e com o mundo [5]. As cobranças internas que solidificam a maternidade enquanto instituição sagrada como reflexo do ideal socialmente construído sobre o exercício da maternidade, assim ancorando-o acima das outras esferas da vida destas mulheres [6].

Numa sociedade de valores patriarcais, estruturada em torno de um processo de dominação masculina e subordinação feminina, a universidade ao longo de sua história vem expressando um movimento inequívoco de discriminação de gênero [7].

As necessidades e preocupações maternas são o ponto de partida do feminismo matricêntrico, pois, a categoria mãe é distinta da categoria mulher por causa de diversos problemas especificamente enfrentados pelas mães. Tais problemas afetam suas identidades e subjetividades nos âmbitos psicológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais [8].

Durante longa pesquisa sobre este tema, O’Reilly explorou as dificuldades maternas na carreira universitária, comprovando estatisticamente que o número de homens, com filhos pequenos, que conseguia empregos estáveis na carreira universitária era muito maior do que o número de mulheres na mesma situação, além de constatar que muitas mães doutoras acabavam desistindo da carreira acadêmica [8].

Os discursos institucionais acerca da maternidade na academia se constituem em emaranhados de interdições transvestidas de naturalidade. Essas interdições dizem respeito principalmente a maneira com que se convencionou compreender o

distanciamento entre duas categorias: “mãe” e “cientista”, entendendo-se, a primeira organizada a partir dos discursos hegemônicos comumente como mulher dotada de amor incondicional e instinto para o cuidado, que deliberadamente prioriza a vida do filho em detrimento a sua, inserida no contexto doméstico. A segunda, comumente homem, branco, hetero, é compreendida como um sujeito inteligente, entendido como naturalmente detentor da razão, que dedica-se ao desenvolvimento da Ciência, inscrito nas instituições centros do saber. A autora ressalta a presença da mãe universitária inserida na fronteira entre essas duas categorias sendo espremida por forças discursivas, por representar um corpo dissidente que contrapõe certa compreensão dominante dos papéis sociais de gênero [9].

Os significados atribuídos por uma mulher à relação trabalho e maternidade são mobilizados nas situações cotidianas que envolvem a sua vida pessoal e profissional, atuando no processo de construção de sentidos sobre essas questões, pois que se inserem na rede de significações da pessoa e junto a outros fatores, constroem sentidos. Tais significados construídos sócio historicamente limitam o leque de opção para os sentidos em construção, por disponibilizar estritamente aqueles sentidos já naturalizados [10].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Processos de formação, subjetividades, atravessamentos, contextos, vidas. Os sentidos do vivido, percebido. Do que foi acolhido e do que foi rejeitado. Marcas de cada vivência. Elementos de cada “eu” representado nas linhas e entrelinhas de cada trama, obra de arte. Ressignificação. No movimento dessas mulheres no ensino superior, removendo barreiras, a representação política de seus corpos de mulher mãe, nesse território, marcando possibilidades.

Apesar dos muitos avanços quanto à participação das mulheres na esfera pública e na busca por desconstrução dos estereótipos de gênero que as limitam dentro de características homogêneas, que as controlam e as mantêm subjugadas, tanto na vida privada quanto pública, os estereótipos que constituem o mito da “boa mãe” seguem existindo e povoando o imaginário social, impactando as mulheres em todos os setores de sua vida, inclusive, na vida daquelas que não desejam ser mãe.

Tais valores morais foram sendo atribuídos as mulheres e sutilmente sendo reproduzidos, como elemento natural de sua suposta natureza feminina. Cada marca

instaurada a essa natureza exige das mulheres que alcancem um padrão de perfeição, e cada movimento para encaixar-se em um padrão, é, para a vida, uma negação.

A interlocução entre os autores aqui colocados nesse ensaio permite entendermos os lugares (ou não lugares) instituídos às mulheres e como são pautados esses papéis impostos. Pensarmos em movimentos que representem a elaboração de possibilidades outras, dentro e fora da academia, se constitui na construção de contranarrativas que possam tensionar o que comumente está posto.

Nesse reencontro com novos significados, surge a pedagoga, que agora está em formação. E na possibilidade desse reencontro, o emergir do poder criativo. Tecer sua docência, como, segundo professora Sandra Corazza, poderia ser também chamada de “artística”. Uma docência que “artista” ao ser exercida, experimentada e inventada, desenvolvendo a artistagem de pedagogias inimagináveis. Na liberdade de se compreender, se reinventar, criar. Viver.

REFERÊNCIAS

- [1] LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, Sociedade e Culturas**, v. 1, n. 25, p. 235-245, 2007.
- [2] MATOS, M.I.S. de. Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas. **Margem**. São Paulo, n. 15, p. 237-252, 2002.
- [3] KLEIN, Carin. **Biopolíticas de inclusão social e produção de maternidades e paternidades para uma “infância melhor”**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- [4] BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 1985. Rio de Janeiro: Nova, 1985.
- [5] TOURINHO, Julia. A mãe perfeita: idealização e realidade. **IGT na Rede**, v. 3, n. 5, 2006.
- [6] SILVA, Juliana Marcia Santos. Interseccionalidades e Maternidade na Universidade Federal da Bahia. **Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia**, v. 16, 2018.
- [7] URPIA, A. M.; SAMPAIO, SMR. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA, p. 145-168, 2011.
- [8] MENDONÇA, Maria Collier de. O Feminismo Matricentrico e o Ativismo Feminista no Motherhood Initiative for Research and Community Involvement (MIRCI) liderado por Andrea O'REILLY. In: **Anais da III Jornadas do LEGH: feminismo e democracia**. Florianópolis: LEGH/UFSC, p. 494-505, 2018.
- [9] FONTEL, Luana. **MÃES NA UNIVERSIDADE: Performances discursivas interseccionais na graduação**. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2019.

[10] ALMEIDA, Leila Sanches de. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia. UFF**, v. 19, n. 2, p. 411-422, 2007).